

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA CRÍTICA PARA A COMPREENSÃO DO FENÔMENO DAS BOLHAS DE DESINFORMAÇÃO

Halan Helry Barbosa de Sena, Universidade Federal do Ceará (UFC),
<https://orcid.org/0000-0002-8435-8979>

Jefferson Veras Nunes, Universidade Federal do Ceará (UFC), <https://orcid.org/0000-0003-4684-0489>

RESUMO

A desinformação tem sido objeto de investigação por parte de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, como Ciência da Computação, Psicologia, Ciência da Informação, Direito, Educação, Sociologia e Comunicação, dentre outras. Caracteriza-se por vir quase sempre acompanhada de outros fenômenos informacionais que ganharam notoriedade nos últimos anos como a pós-verdade, discursos de ódio e as bolhas de desinformação. Na tentativa de ampliar a compreensão acerca de tal fenômeno informacional complexo quanto à proporção que os seus impactos sobre a sociedade têm tomado é que se investiga aqui a contribuição da teoria crítica para o estudo das bolhas de desinformação. Alinhado a essa problemática, a pesquisa tem como objetivo geral: discutir a teoria crítica como alternativa de abordagem ao fenômeno das bolhas de desinformação. Por sua vez, adota como objetivos específicos: 1) analisar as contribuições proporcionadas pela teoria crítica para a compreensão dos problemas da sociedade; 2) relacionar os conceitos de regime de informação e teoria crítica da informação; e, por fim, 3) explicitar a importância da competência crítica em informação para o entendimento do fenômeno das bolhas de desinformação. Por sua natureza filosófico-histórica, empírica e interdisciplinar vislumbra-se o quanto essa teoria pode contribuir para o esclarecimento de tais fenômenos informacionais. Nesse sentido, o presente artigo adota como delineamento metodológico a pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, e exploratória do ponto de vista dos objetivos. A partir dos aportes teóricos proporcionados pela teoria crítica, de bases frankfurtiana e marxista, acredita-se que é possível ampliar a compreensão acerca das bolhas de desinformação, seu funcionamento, seus efeitos e como a sociedade pode lidar com esse fenômeno informacional.

Palavras-Chave: Desinformação; Teoria Crítica; Escola de Frankfurt; Bolhas de Desinformação; Ciência da Informação.

LA CONTRIBUCIÓN DE LA TEORÍA CRÍTICA A LA COMPRESIÓN DEL FENÓMENO DE LAS BURBUJAS DE DESINFORMACIÓN

RESUMEN

La desinformación ha sido objeto de investigación por parte de investigadores de distintas áreas del conocimiento, como la Informática, la Psicología, las Ciencias de la Información, el Derecho, la Educación, la Sociología y la Comunicación, entre otras. Se caracteriza por estar casi siempre acompañada de otros fenómenos informativos que han ganado notoriedad en los últimos años como la posverdad, el discurso del odio y las burbujas de desinformación. En un intento por ampliar la comprensión de un fenómeno informacional tan complejo en términos de la proporción que han tomado sus impactos en la sociedad, se investiga aquí la contribución de la teoría crítica al estudio de las burbujas de desinformación. En línea con este problema, la investigación tiene como objetivo general: discutir la teoría crítica como un enfoque alternativo al fenómeno de las burbujas de desinformación. A su vez, adopta como objetivos específicos: 1) analizar los aportes que brinda la teoría crítica a la comprensión de los problemas de la sociedad; 2) relacionar los conceptos de régimen

de información y teoría crítica de la información; y, finalmente, 3) explicar la importancia de la competencia informativa crítica para comprender el fenómeno de las burbujas de desinformación. Por su carácter filosófico-histórico, empírico e interdisciplinario, es posible ver cuánto puede contribuir esta teoría al esclarecimiento de tales fenómenos informacionales. En este sentido, el presente artículo adopta como diseño metodológico la investigación bibliográfica, con enfoque cualitativo, y exploratoria desde el punto de vista de los objetivos. A partir de los aportes teóricos que brinda la teoría crítica, desde bases frankfurtianas y marxistas, se cree que es posible ampliar la comprensión de las burbujas de desinformación, su funcionamiento, sus efectos y cómo la sociedad puede hacer frente a este fenómeno informacional.

Palabras-Clave: Desinformación; Teoría Crítica; Escuela de Fráncfort; Burbujas de Desinformación; Ciencias de la Información.

THE CONTRIBUTION OF CRITICAL THEORY TO UNDERSTANDING THE PHENOMENON OF DISINFORMATION BUBBLES

ABSTRACT

Misinformation has been the object of investigation by researchers from different areas of knowledge, such as Computer Science, Psychology, Information Science, Law, Education, Sociology and Communication, among others. It is characterized by being almost always accompanied by other informational phenomena that have gained notoriety in recent years such as post-truth, hate speech and disinformation bubbles. In an attempt to broaden the understanding of such a complex informational phenomenon in terms of the proportion that its impacts on society have taken, the contribution of critical theory to the study of disinformation bubbles is investigated here. In line with this problem, the research has as its general objective: to discuss critical theory as an alternative approach to the phenomenon of disinformation bubbles. In turn, it adopts as specific objectives: 1) to analyze the contributions provided by critical theory to the understanding of society's problems; 2) relate the concepts of information regime and critical information theory; and, finally, 3) explain the importance of critical information competence for understanding the phenomenon of disinformation bubbles. Due to its philosophical-historical, empirical, and interdisciplinary nature, it is possible to see how much this theory can contribute to the clarification of such informational phenomena. In this sense, the present article adopts the bibliographic research, with a qualitative approach, and exploratory from the point of view of the objectives as a methodological design. From the theoretical contributions provided by critical theory, from Frankfurtian and Marxist bases, it is believed that it is possible to expand the understanding of disinformation bubbles, their functioning, their effects and how society can deal with this informational phenomenon.

Keywords: Misinformation; Critical Theory; Frankfurt School; Misinformation Bubbles; Information Science.

1 INTRODUÇÃO

O Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt, fundado oficialmente em 1923, transferido uma década depois, por conta da ascensão nazista, para a Universidade de Columbia, em Nova York nos Estados Unidos, retornando à Frankfurt em 1951, de onde a partir de então se desenvolveu

e se consolidou, aproxima-se do seu centenário ainda em pleno funcionamento, o que atesta a riqueza desta escola de pensamento. Apoiada numa compreensão crítica da sociedade, tem como base o materialismo histórico de Marx, possibilitando o aprofundamento do método dialético herdado de Hegel.

Em uma primeira fase, que abrange desde a sua fundação até a partida para o exílio nos Estados Unidos, concentrou-se na crítica sistemática ao positivismo puro, obviamente tendo como pano de fundo as ciências sociais, porém, fundamentada na teoria materialista de Marx. Assim, optou por ir de encontro à teoria tradicional, inspirada nos métodos das ciências naturais e o seu purismo metodológico, que separava o sujeito do objeto. Tal separação pretendida pelo positivismo terminou por levar à dicotomia ou divisão do pensamento moderno em pesquisa empírica e pensamento filosófico. Nesse contexto, a Escola de Frankfurt perseguiu como objetivo superá-la essa dicotomia através da pesquisa interdisciplinar, retomando noções e conceitos formulados no âmbito da psicanálise, da economia política e dos estudos sobre cultura.

Em uma segunda fase, que compreende o seu retorno à Alemanha, percebe-se uma forte influência de intelectuais norte-americanos, quando a Escola passou a buscar novas interpretações da realidade social que fossem além de um aparato teórico puramente marxista, todavia, preservando o seu caráter filosófico-histórico.

Diante do quadro observado nas sociedades autoritárias, o qual já não podia mais ser explicado pela relação de forças produtivas e seus conflitos, a Escola de Frankfurt lançou mão de uma “teoria da civilização”, a qual apontava para o caráter transformador do ser humano que, ao dominar a natureza, ao mesmo tempo se mantém em um estado de conformação e assujeitamento dos seus instintos, perdendo o impulso para a transformação potencial de si e do meio em que vive, isto é, uma alienação que poderia levar à desintegração da própria humanidade (Honneth, 1999).

Se por um lado, isso demonstrava a riqueza da teoria crítica em se reinventar, por outro, atestava que ela poderia incorrer em tentativas totalizantes de compreensão da realidade, o que refletia o seu pessimismo em relação ao contexto histórico em meio aos

regimes totalitários como o nazismo, o fascismo e o stalinismo, ainda que isso não se justificasse, pois a realidade não permite uma compreensão total acerca de suas dinâmicas e mudanças estruturais.

Já a terceira fase abarca desde o pós-guerra até os dias atuais, compreendendo a consolidação da sua influência em várias áreas do conhecimento, tais como as artes, a literatura, a política, a educação, influenciando as ciências humanas em geral.

Ainda que fosse, nos seus primórdios, sistematicamente crítica ao positivismo, não tratou de descartar de todo a metodologia das ciências empíricas, ao contrário, buscou incorporá-las e as adaptar ao seu pensamento filosófico-histórico, constituindo, assim, uma teoria que conjuga o acadêmico à prática da pesquisa interdisciplinar.

De certo, no mundo contemporâneo é imprescindível a constituição de novos olhares que não separem a informação do seu viés social, subjetivo, ecossistêmico ou holístico, permitindo transitar de forma transdisciplinar entre os saberes. Nesse sentido, novas abordagens, como a teoria crítica da informação podem proporcionar percepções acuradas e necessárias à investigação de fenômenos complexos, como os vivenciados atualmente pela sociedade com o advento das tecnologias de informação. À vista disso,

Analisar as inovações tecnológicas, leis e políticas de informação, as perspectivas de acessibilidade à tecnologia, seus efetivos usos e práticas informacionais e as consequências que pesam sobre a vida material e psicológica dos indivíduos, para produzir um diagnóstico crítico que permita desvendar os mecanismos de controle e opressão e os obstáculos que se colocam no caminho da emancipação social e da autonomia informacional. (Bezerra, 2019, p.33).

Portanto, atentando para o momento crucial pelo qual a sociedade passa no momento

presente, com rápidas transformações que resultam em fenômenos informacionais complexos, como as bolhas de desinformação – que têm se constituído em objeto de estudo – a Ciência da Informação, por sua natureza transdisciplinar, não tem ficado alheia a esses fatos, tendo sido até mesmo atravessada por tais problemáticas desafiadoras. Isso tem possibilitado, em certa medida, uma importante reorientação teórica na busca por outras perspectivas de abordagem para os modernos fenômenos informacionais. É o caso, por exemplo, da teoria crítica da informação.

Isso posto, assinala-se como questão norteadora desta pesquisa: como a teoria crítica

auxilia a Ciência da Informação na compreensão do fenômeno das bolhas de desinformação? Alinhado a essa problemática, o presente trabalho tem como objetivo geral discutir a teoria crítica como alternativa de abordagem ao fenômeno das bolhas de desinformação. Nessa perspectiva, elenca-se como objetivos específicos: 1) analisar as contribuições proporcionadas pela teoria crítica para a compreensão dos problemas da sociedade; 2) relacionar os conceitos de regime de informação e teoria crítica da informação; e, por fim, 3) explicitar a importância da competência crítica em informação (CCI) para a compreensão do fenômeno das bolhas de desinformação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Em “Teoria Crítica”, publicado na obra intitulada “Teoria social hoje”, organizada por Anthony Giddens e Jonathan Turner, Axel Honneth – diretor do Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt entre 2001 e 2018 – faz uma reconstrução da importância da teoria para o estudo da sociedade, destacando, contudo, alguns dos seus principais autores e teses, com o intuito de apontar os percursos teóricos-metodológicos adotados.

Pelo incessante e, na verdade crescente, interesse que a teoria crítica atraiu internacionalmente, [...] uma comedida consciência de suas realizações teóricas é o que prevalece hoje em dia. Cada nova onda de interesse, com seus esforços de pesquisa, retirou do velho projeto uma parte de seu fascínio inicial e moldou-o numa abordagem realista aberta à verificação. Cada tentativa atual de uma reconstrução sistemática da teoria crítica deve proceder a partir dos achados críticos que esse processo revelou (Honneth, 1999, p.504).

A denominada Escola de Frankfurt, como ficou conhecido o círculo de intelectuais e filósofos reunidos no Instituto para Pesquisa Social da Escola de Frankfurt, sob a direção de Max Horkheimer, integrou figuras importante

para a compreensão da sociedade sob uma perspectiva crítica, tais como Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Franz Neumann, Walter Benjamin, Friedrich Pollock, Erich Fromm, Jürgen Habermas e Axel Honneth, entre outros.

O Instituto nasceu financiado pela fundação Felix Weil, tendo como seu primeiro diretor Carl Grünberg. Como missão, almejava promover pesquisas sobre a história do socialismo e do movimento dos trabalhadores. Em uma época onde a classe trabalhadora era relativamente bem organizada na Alemanha, e contava com o apoio e a simpatia de boa parte da intelectualidade alemã, porém que não alimentava o desejo de “[...] uma revolução violenta, catastrófica” (Cardoso, 2016, p. 57).

Horkheimer, que assumira como diretor do Instituto em 1929, em “Teoria tradicional e teoria crítica”, texto de 1937, lançou o que seria considerado uma espécie de manifesto do que visava alcançar com uma teoria crítica da sociedade, reafirmando o seu caráter filosófico e dialético, materialista e histórico, em oposição aos revisionistas de Marx (Cardoso, 2016).

Esse cientificismo, em última instância, remontava ao positivismo, que ao empreender a Ciência como algo de natureza pura, livre de quaisquer interferências, quase sobre-humana,

corria radicalmente em direção ao Iluminismo e ao mesmo tempo à sua própria negação, quando se considera que é quase impossível negar as suas origens se desvinculando da noção de classe da qual a burguesia tanto se beneficiou, isso demonstrava como o positivismo falhou na defesa de uma ideia de separação entre sujeito e objeto, metafísica e empirismo.

A ilusão de uma ciência pura e neutra pode desmanchar-se no ar diante das formas como suas premissas serão interpretadas por diferentes culturas e em diferentes territórios, revelando a limitação hermenêutica à qual está fadada qualquer teoria que descarte as dimensões semânticas e pragmáticas de seu repertório (Bezerra, 2019, p.23).

A ascensão nazista, no entanto, interrompeu os trabalhos do Instituto, de modo que quando a sua sede foi fechada pela Gestapo – uma das principais organizações de repressão do regime nazista – em meados de 1933, muitos dos seus integrantes já haviam migrado para a Suíça e em 1934 já aportavam em Nova York, junto à Universidade de Columbia. Seu objetivo era não só entender as razões ou motivos das coisas serem como são, mas por que de outros jeitos não são, e se seriam possíveis esses outros jeitos, por quais caminhos se poderia chegar até eles (Bezerra, 2019).

Os teóricos críticos sociais da Escola de Frankfurt estavam entre os primeiros a analisar as novas configurações do Estado e da economia nas sociedades capitalistas contemporâneas, a criticar os papéis-chaves da cultura e das comunicações de massa, a analisar as novas formas de tecnologia e de controle social, a discutir novos modos de socialização e o declínio do indivíduo na sociedade de massas e – face a face com o marxismo clássico – a analisar e confrontar as consequências da integração das classes trabalhadoras e a estabilização do capitalismo para o projeto de

mudança social radical (Kellner, 2015, p.15).

Assim, conceitos como liberdade de expressão, classe, livre iniciativa, espaço público e privado e progresso técnico-científico, que estiveram nos primórdios da sociedade industrial alimentando as liberdades de pensamento e ação dos indivíduos, agora, estão na base da sociedade de consumo, de necessidades produzidas que integram os indivíduos a um universo sóciotécnico através das novíssimas ferramentas de informação e comunicação, fomentadas por grandes corporações internacionais.

Segundo Oliveira (2020), a sociedade contemporânea pode ser descrita como uma “sociedade do capital comunicativo”, onde a experiência de consumo passa a ser *gamificada*. Nesse contexto, o neoliberalismo passa a engendrar um tipo de consumo de forma a converter as características naturais e lúdicas dos jogos, que sempre coexistiram junto às relações produtivas, de trabalho e consumo, em mecanismos de engajamento de consumidores, por meio de dispositivos e plataformas digitais de produtos e serviços, em prol da maximização de lucros, seja pelo TikTok, comunidades de *E-sports* ou aplicativos do varejo. Nesse contexto, para se ter acesso a alguns benefícios de determinada plataforma, o cliente/usuário deve acumular pontos tornando-se um cliente/usuário do tipo ouro, diamante ou platina, por exemplo, mas para isso ele terá que realizar “tarefas” a fim de alcançar tal *status* dentro da comunidade de consumidores.

A virtualidade do tempo e do espaço, marca do momento atual, nos espaços de entretenimento ou nos ambientes profissionais, assim como a expansão das estruturas de pesquisa – supercomputadores, computação em nuvem e *big data*, por exemplo – desde a nanotecnologia, passando pela genética até a astronomia, são premissas e ao mesmo tempo resultados da chamada – ainda que de modo equivocado – Sociedade da Informação ou do Conhecimento, que designaria um novo regime informacional, portanto:

[...] um modo de produção informacional dominante em uma formação social, conforme o qual serão definidos sujeitos, instituições, regras e autoridades informacionais, os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os arranjos organizacionais de seu processamento seletivo, seus dispositivos de preservação e distribuição (González de Gómez, 2002, p.34).

Na prática, todas essas coisas podem ser consideradas como regimes de políticas de informação, de comunicação e de linguagem, que atuam, portanto, mediando os complexos processos informacionais contemporâneos, seja em âmbito público ou privado, entre o estado e seus cidadãos, entre empresas e consumidores, entre a Ciência, suas instituições e seus participantes. Em vista disso, está presente em qualquer processo ou fenômeno informacional, particular ou geral, local ou global.

Regime de informação por muito tempo constituiu-se como um conceito associado à questão do fluxo informacional de departamentos governamentais. Todavia, segundo Frohmann (1995), os estudos de política de informação, no campo da Ciência da Informação, se limitaram, durante muito tempo, a focar em maximizações técnicas e gerenciais de eficiência de fluxo de informações ou de documentos. A crítica de Frohmann propõe o rompimento com a departamentalização dessas questões, tanto na prática quanto epistemologicamente ou disciplinarmente, propondo o estudo sobre a informação de modo a percebê-la não apenas como objeto físico, típico da sociedade de mercado norte-americana, aferindo-lhe valor como se fosse mais uma *commodity*, mas de forma a ressaltar, a partir da sua investigação, a existência de outros elementos vitais para a existência de uma política de informação num sentido mais abrangente, cujas implicações podem ser observadas desde as tecnologias,

passando pela linguagem e pelo discurso, até as práticas sociais dos indivíduos.

De acordo com Maria Nélide González de Gómez, o uso do termo surge em fóruns internacionais, por volta da década de 1990, momento em que o processo de globalização da economia passou a exigir novos arranjos institucionais e econômicos, que, por sua vez, precisavam contemplar as novas demandas das tecnologias de informação que, cada vez mais, se incorporavam às estruturas produtivas dos diversos países.

O uso do conceito de regime tem surgido justamente no horizonte das relações internacionais, onde demandas e expectativas de transações e acordos bi e multilaterais careciam de suportes institucionalizados e legitimados por todos os participantes, não só em termos da formalização jurídica das normas, mas também das proposições normativas que, sem ter ancoragem jurídica, têm peso regulatório em diferentes circunstâncias. E isso, que acontecia no cenário internacional, se reproduziria em nível dos Estados Nacionais e das ordens normativas de escopo e abrangência local (González de Gómez, 2019, pp.139-140).

O potencial transformador que plataformas e suas correspondentes corporações têm trazido, como a Uber, a Amazon, a Meta (antes, Facebook), a Alphabet (conglomerado vinculado à Google), o TikTok, o Kwai, o Alibaba, o Twitter e muitos outros, por conta da sua utilização massiva e intensa na vida cotidiana, seja no transporte, no comércio, como entretenimento, para estudo e pesquisa, ou ainda enquanto fonte de notícias para comunicação, afeta diretamente as dinâmicas e a própria estrutura da sociedade. Assim, ainda que o discurso midiático propalado seja o de que elas surjam espontaneamente da rede possibilitada pelas tecnologias digitais de informação e comunicação, elas nascem, na verdade, a partir de uma infraestrutura intencionalmente desenhada e arquitetada para possibilitar a sua oferta aos consumidores

e/ou usuários de informação, muitas vezes, eclipsadas por objetivos comuns, que salientam um papel desinteressado na racionalidade de sua concepção, restringindo-as, no âmbito da opinião pública, à mera fomentação de interações sociais entre os indivíduos.

Diante dessas transformações, os países procuram normas em que possam se basear para legislar acerca dessas plataformas. Desse modo, não é por acaso que se encontram sob crescentes questionamentos quanto ao seu modelo de negócios.

As plataformas são desenvolvidas para facilitar o consumo e compartilhamento de conteúdos, sejam eles verdadeiros ou falsos, sem que os usuários sejam motivados a sair dessas plataformas para fazer uma leitura completa dos textos dos artigos e matérias jornalísticas. Assim, os usuários tendem a ficar presos a manchetes que muitas vezes desinformam, são sensacionalistas, e/ou materializam o *clickbait* [quanto mais cliques em um conteúdo mais anúncios são exibidos e maior a geração de receita com publicidade. [...] Cathy O'Neil lembra que o algoritmo do Facebook não foi desenhado para priorizar a verdade e os argumentos discordantes. Assim, devido ao seu modelo econômico, as redes sociais não se sentem motivadas a combater *Fake News*, já que o seu combate efetivo pode comprometer a sua renda (Nemer, 2020, p.114).

Um dos fenômenos que acompanha esse atual regime informacional é a pós-verdade (*post-thuth*) – fenômeno não tão recente como muitos acreditam ser, porém que adquire novas nuances na atualidade. Em linhas gerais,

[...] pós-verdade é uma expressão que se popularizou nos últimos anos e que alude a uma nova modalidade de um velho fenômeno sócio informacional, a saber, o fato de crenças infundadas exercerem maior influência na formação da opinião pública do que

evidências e argumentos racionais. Sua especificidade consiste no papel das redes sociais digitais em sua formação, mediante a circulação de *fake news*, informações mentirosas de aparência jornalística que impregnam essas redes, em escala ao mesmo tempo massiva e ultra direcionada, com o intuito de favorecer determinados grupos de poder (Schneider, 2019, p. 74).

Não é um fato recente a existência da mentira, de credices e de mitos, seja como arma de guerra, ou até mesmo como característica singular do ser humano, já que estão presentes na humanidade desde os seus primórdios, do que lhe é próprio. O diferencial agora, no entanto, está na configuração do regime informacional vigente, que munido de tecnologias digitais permite a difusão dessas categorias de (des)informação em escalas e velocidades inéditas.

A teoria crítica, que, de acordo com Honneth (1999, p.510), parte

[...] do pressuposto de que ao diagnóstico no nível histórico-filosófico, [...] deve ser acrescentada a pesquisa social empírica como uma segunda corrente de reflexão – donde a necessidade da cooperação de diferentes disciplinas

Desse modo, possibilita o direcionamento de um olhar acurado sobre os fenômenos informacionais contemporâneos. Por sua vez, a teoria crítica da informação pode ser compreendida como uma atualização da teoria crítica. Cabe à Ciência da Informação se apropriar dela, tecendo um exame crítico acerca das próprias fundamentações, conceitos, abordagens e metodologias da área no tocante ao exame da informação para poder compreender parte das consequências advindas com a assumpção das Big Techs e das bolhas de desinformação. Em linhas gerais,

A desinformação é entendida como informação comprovadamente falsa ou enganosa que é criada, apresentada e divulgada para ganho

econômico ou para enganar intencionalmente o público, e pode causar danos públicos. Os danos públicos incluem ameaças aos processos democráticos políticos e de formulação de políticas [ao debate público], bem como aos bens públicos, como a proteção da saúde dos cidadãos [indivíduos ou grupos sociais], o meio ambiente ou a segurança. A desinformação não inclui reportar erros, sátira e paródia, ou notícias e comentários partidários claramente identificados abordagens e ações em curso em relação a conteúdos ilegais (European Commission, 2018, pp.3-4).

Assim, para compreender melhor como atuam as bolhas de desinformação, faz-se necessário explorar outro conceito que lhe é adjunto, tendo adquirido vida, sobretudo, a partir das redes digitais: as bolhas de filtro ou filtro bolha – em inglês, *filter bubbles*.

As chamadas bolhas de filtro são sistemas de recomendação ou filtragem algorítmica de conteúdo, baseados no processamento por inteligência artificial dos dados e metadados coletados a partir da navegação e atividade dos usuários de plataformas digitais, que prometem

[...] criar um universo de informações exclusivo para cada um de nós que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações (Pariser, 2012, p.14).

Pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento ainda se debruçam sobre os diversos fenômenos que emanam do atual regime informacional, de constante variabilidade e pouca transparência por parte de seus maiores agentes, além, é claro, da

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa, bibliográfica quanto aos procedimentos e exploratória do ponto de vista dos objetivos.

própria especificidade de uma de suas principais estruturas tecnológicas, que é a rede digital de comunicações, sendo a Internet uma de suas partes mais conhecidas.

Para situar-se melhor nesse cenário, além da teoria crítica da informação, de inspiração frankfurtiana e marxista, se faz necessária a competência crítica em informação (CCI). Para compreensão desse conceito, antes, é importante que se tenha a noção de competência em informação.

A noção consagrada na literatura brasileira em Ciência da Informação como tradução do original em inglês *information literacy* diz respeito à habilidade de se localizar e fazer bom uso da informação adequada, de modo a atender determinada necessidade. Entende-se que essa habilidade pode ser desenvolvida mediante o aprendizado. Isso vale tanto para mediadores quanto para usuários da informação. (Schneider, 2019, p.73).

Por sua vez, o conceito de competência crítica em informação apresenta-se “como um dos possíveis caminhos para a práxis transformadora no cerne do regime de informação em vigor” (Bezerra, 2019, p.30). Considerando os usuários da informação em seus contextos reais, na sua práxis cotidiana, práxis como “um modo de agir no qual o agente, sua ação e o produto de sua ação são termos intrinsecamente ligados e dependentes uns dos outros, não sendo possível separá-los” (Chauí, 2008, p.23). Ampliando através do pensamento crítico o espectro instrumental, de dotar o indivíduo de habilidades informacionais, geralmente requeridas por esferas institucionalizadas.

Toda pesquisa precisa de um levantamento bibliográfico prévio, como nos aponta Marconi e Lakatos (2017, p. 240): “torna-se imprescindível para a não duplicação

de esforços, a não ‘descoberta’ de ideias já expressas”.

Entretanto, na pesquisa bibliográfica esse levantamento requer um elevado patamar de atenção e importância, podendo ser necessário revisitá-lo com frequência, o que não implica em desorganização, mas sim em (re)aproximações temáticas, teóricas, de esclarecimento, de aprofundamento de questões e reflexões acerca do objeto de estudo.

Não é raro que a pesquisa bibliográfica apareça caracterizada como revisão de literatura ou revisão bibliográfica. Isto acontece porque falta compreensão de que a revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório. (Lima & Miotto, 2007, p.38).

Devendo ser ampla ou exaustiva, no sentido de se aproximar ao máximo do conhecimento atual sobre a temática; crítica e criativa na aplicação e articulação dos conceitos, atenta aos objetivos e à pertinência das informações.

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (Severino, 2017, p. [93]).

Segundo Pizzani et al. (2012), é no esforço de vasculhar cientificamente o que já foi pesquisado, que a pesquisa bibliográfica torna-se de fundamental importância para o

aprendizado, o amadurecimento do conhecimento e o avanço das novas descobertas nas mais diversas áreas.

Primeiro realizou-se um levantamento bibliográfico em diversas fontes, como periódicos científicos, livros, *e-books*, *websites* de instituições nacionais e internacionais. Através da leitura técnica, que, de acordo com Dias e Naves (2007), “consiste numa leitura direcionada para certas partes do documento onde vai-se encontrar elementos especialmente importantes para a identificação do assunto ou assuntos do documento” (p.29) como títulos, sumários, resumos e referências. Leitura que mostra-se adequada também para documentos audiovisuais e em diversos suportes, além de permitir ao pesquisador fazer uma pré-seleção das fontes e dos documentos bibliográficos mais relevantes para a pesquisa.

Posteriormente, recorreu-se à leitura flutuante – que segundo Minayo (2007) requer um contato intenso com o conteúdo do material – para possibilitar a realização de uma análise detida acerca da pertinência dos documentos para a presente pesquisa. Confirmada a pertinência, iniciou-se, assim, a coleta de dados que será descrita na seção seguinte.

À medida que essa fase avançava foram necessárias releituras do material, a fim de compreender melhor certos aspectos, conceitos e teorias, o que serviu para dirimir dúvidas, cotejar melhor os dados e/ou informações. Conforme Lima e Miotto (2007), a coleta de dados contribui tanto para o recorte do objeto de estudo, possibilitando uma melhor definição no que tange ao fenômeno a ser investigado, como, também, permite aprofundar, no decurso da análise dos dados obtidos, aspectos importantes que ainda se demonstram nebulosos, e assim fundamentar a sua interpretação.

Na fase da escrita procurou-se ir além da compreensão do quadro teórico, buscando traduzir as ideias centrais dos complexos fenômenos investigados, visando a uma melhor explicação dos achados.

Um bom estudo qualitativo não se limitará a concluir e confirmar o que se espera que seja o resultado, e sim produzirá novas ideias e formas de ver as coisas estudadas. Isso significa que a qualidade na pesquisa qualitativa é desenvolvida e produzida no campo de tensão entre a criatividade (teórica, conceitual, prática e metodológica) e o

rigor (metodológico) no estudo dos fenômenos (Flick, 2009, p.91).

Rigor não apenas no sentido tradicional, de aplicação de abordagens, mas no sentido de como o processo avançou, como as ideias se desenvolveram e foram trabalhadas. Como as configurações sociais latentes se apresentaram, foram analisadas e compreendidas.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

A fundamentação filosófica da teoria crítica contribui para o aprofundamento de conceitos da Ciência da Informação, como competência informacional e regime de informação.

Acerca do conceito de regime de informação, da década de 1990 até os dias atuais, ampliaram-se os estudos sobre a sua genealogia e natureza, ampliando os espaços de pesquisa, como em áreas da saúde, educação, e outras, inclusive entre países ou regiões. Nesse contexto, a teoria crítica da informação, de bases frankfurtiana e marxista, se apresenta como alternativa de abordagem de investigação para o atual regime de informação, ao corroborar a importância de se aprofundar o olhar crítico para outras dimensões desses regimes.

A respeito da competência informacional, percebe-se a existência de um corolário, que alude a uma proposta de mudança substancial: a competência crítica em informação, que parte de uma visão mais instrumental, própria da competência informacional, de tornar o indivíduo capaz de obter informações necessárias às soluções de seus problemas, independente de suporte, meios ou canais, para outra mais ampla, que atente para pré-juízos ou pré-conceitos, para o questionamento sistemático da relevância e credibilidade das fontes de informação, o que amplia a visão acerca de fenômenos como as bolhas de desinformação.

Ao lado do conceito de regime de informação, a teoria crítica da informação

compõe um arco teórico para investigação dos complexos fenômenos informacionais contemporâneos, como a desinformação e a própria pós-verdade.

Assim, além de possibilitar o questionamento sistemático dos fenômenos que se apresentam, e por conseguinte, uma visão mais acurada, não somente sobre o que não esteja tão transparente, mas do que esteja além, no que concerne ao capital informacional ou à Sociedade do Conhecimento, a teoria crítica, pela sua própria fundamentação filosófica baseada na dialética marxista enriquecida pelo seu caráter interdisciplinar, proporciona diagnósticos alternativos ao existente, buscando sempre o que não está posto e propondo algo diferente do estado predominante.

Para além do debate de que *fake news* – traduzindo-se literalmente do inglês: notícias falsas – não podem ser notícias porque se tratam de conteúdos informacionais falsos, ou ainda, se podem ser categorizadas quanto a sua forma de compartilhamento, se intencionalmente ou não, há cada vez mais documentos desclassificados que atestam a prática do uso de “notícias” fabricadas como arma estratégica de geopolítica por parte de vários países, ainda durante a Guerra fria, notadamente, Inglaterra, Estados Unidos e Rússia, contra grupos de libertação nacional, partidos políticos e autoridades em postos-chave em vários continentes (Burke, 2022).

O cenário atual é crescentemente dramático, haja vista o uso político que sido

feito das tecnologias digitais de informação e comunicação. Os efeitos de suas campanhas de desinformação, como, por exemplo, quando “manifestantes” invadiram o Congresso dos Estados Unidos, em janeiro de 2021, por ocasião da derrota do republicano Donald Trump para o democrata Joe Biden, na eleição para presidente daquele país; e os movimentos antivacina, como pôde ser observado durante a pandemia de COVID-19, o que levou o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus a proferir um discurso na Conferência de Segurança de Munique, em fevereiro de 2020, em que alertava que as *fake news* eram tão perigosas quanto o vírus da COVID-19 e que se devia enfrentar não apenas a epidemia (na época, ainda concentrada na China) mas também a infodemia (Ghebreyesus, 2020), que se caracteriza pela disseminação massiva de informações acerca de determinado(s) assunto(s) e que envolvem boatos e rumores em um ambiente informacional de crise sanitária, junto com um consumo desmesurado de informações, conforme Massarani et al. (2021).

Por certo, é imprescindível que os governos regulem de maneiras mais assertivas as *big tech*, quase que totalmente livres de regulação, mais poderosas até do que países, que se aproveitam de seu domínio tecnológico aplicado em diversas esferas do capitalismo, como na publicidade, na medicina, na automação de processos, nas finanças e outras, influenciando de forma disfuncional, ou no mínimo, desigual, nos rumos sociais, culturais, políticos e econômicos da sociedade.

Segundo o Relatório de Notícias Digitais 2022, do Instituto Reuters para Estudos do Jornalismo em parceria com a Universidade de Oxford, que analisou o acesso às fontes de informação do brasileiro, através de 2.022 questionários on-line, no Brasil, cerca de 75% da população tem algum acesso à Internet.

Como os smartphones são usados para estudar, trabalhar, jogar, *streaming*, transações bancárias, compras, consultas médicas,

aplicativos de mensagem e redes sociais, depreende-se que uma parcela imensa da população brasileira acesse a Internet por meio de smartphones, e por conseguinte, acesse notícias por meio deles. Para notícias, o Youtube ficou em primeiro lugar, na preferência dos entrevistados, na sequência vieram Whatsapp, Facebook, Instagram, Twitter, TikTok. A pesquisa considerou o YouTube uma mídia social como o Facebook ou outra, assim como o Instagram e o TikTok, mas esses, com características de redes sociais mais visuais, assim como o Snapchat, que aparece na pesquisa, mas com resultados irrisórios para notícias, até assistentes de voz foram considerados no levantamento, mas seus resultados foram considerados irrelevantes para notícias. (Carro, 2022).

Considerando que os sistemas de recomendação são parte do ambiente de consumo de notícias em redes sociais, e que com um mundo de novidades disponíveis a qualquer momento, eles podem ser necessários para descobrir conteúdos de interesse. Por outro lado, podem também potencializar o envolvimento de leitores ou consumidores/produtores de notícias em bolhas filtro, reforçando as suas crenças existentes e contribuindo para a polarização, expondo-os apenas às notícias que se encaixam em seus perfis de consumo informacional.

Nesse sentido, algumas iniciativas têm sido extremamente importantes na prevenção às bolhas de desinformação, uma das principais são as redes de verificadores de conteúdo, juntando pesquisadores com atores institucionais, privados e da sociedade civil, estimulando as boas práticas jornalísticas tanto na mídia corporativa quanto na mídia alternativa ou independente, alguns exemplos são: Projeto Comprova, Agência Aos Fatos, Coletivo Bereia e Agência Lupa (Brasil), PolitiFact (Estados Unidos), Verificado (México), Chequeado (Argentina), La Voz de Guanacaste (Costa Rica), Maldita (Espanha), Correctiv.org (Alemanha), Polígrafo (Portugal). Ao lado de outras, que apontam na direção da educação

para competência crítica em informação, por exemplo, quando ajudam o público a aprender como identificar conteúdos suspeitos ou duvidosos publicados em redes sociais; fornecem treinamento para profissionais da informação; fortalecem a exigência por transparência algorítmica, banimento de práticas discriminatórias, redução do discurso de ódio e aplicação de mecanismos regulatórios às *big tech*, a fim de que não interditem o debate democrático sobre os mais variados e importantes temas, como: o direito à

privacidade digital, isto é, à proteção dos dados do cidadão, seja por governos ou empresas; a publicidade on-line; a exclusão digital; a transição do jornalismo convencional para o digital; a desinformação; a desigualdade de renda no mundo, haja vista o quanto as pessoas mais ricas aumentaram ainda mais as suas fortunas durante a pandemia de COVID-19, e não por coincidência, algumas delas integram parte do poderoso grupo de acionistas e proprietários das *Big Tech*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do aprofundamento teórico proporcionado pela pesquisa foi possível ampliar os conhecimentos acerca das temáticas estudadas, bem como alcançar os objetivos propostos.

O contexto dos regimes de informação se transforma rapidamente com novos dados que, por sua vez, requerem novas abordagens de pesquisa, como a teoria crítica da informação, de inspiração frankfurtiana e marxista, trazendo à Ciência da Informação aportes teóricos, que, relacionados ao conceito de regime de informação, ampliam a visão sobre as estruturas em níveis micro e macro do complexo fenômeno das bolhas de desinformação. Nesse sentido, possibilitam estudar os seus mecanismos de funcionamento, as suas consequências e que é mais eficaz prevenir a desinformação combatendo os seus efeitos. Assim, pode permitir a compreensão também de parte da magnitude do ambiente informacional, o qual é altamente propício a abrigar outros fenômenos, como o filtro bolha, a infodemia e as *fake news*, considerando que as atuais tecnologias digitais de informação e comunicação estão no cerne dos atuais regimes informacionais, locais, regionais, e global.

Por sua vez, a competência crítica em informação é reflexiva sobre as maneiras como as fontes informacionais são constituídas e ofertadas, despertando o indivíduo para a noção capital do regime informacional vigente

no século XXI. Ela pode ser alcançada com uma pedagogia que estimule o pensamento crítico, que por conseguinte leve o indivíduo à autonomia, de escolha, de questionamento, por isso é premente que os sistemas educacionais sejam pensados de forma mais radical possível no sentido de uma pedagogia crítica, onde bibliotecários e professores sejam parceiros, caso contrário, o atual quadro social – em que não se ouvem cientistas em meio a uma pandemia; jornais não ouvem os seus *ombudsmans*; ou ainda, *big tech* demitem os seus especialistas em ética por eles discordarem das práticas discriminatórias de seus algoritmos – tenderá a se perpetuar.

A teoria crítica, portanto, mostra-se muito rica, principalmente, quando consegue inspirar por meio da filosofia, a pesquisa social aplicada ou empírica. Embora tenha uma maior tendência a suscitar questionamentos do que respostas, ela responde sobretudo como situar-se no mundo contemporâneo: voltando-se para a filosofia, não em direção a uma metafísica desacompanhada da práxis, mas que a partir dela concentra-se em enxergar as condições reais e potenciais da sociedade e dos indivíduos, indicando assim alternativas de pensamento e ação, que podem levá-los a outros patamares sociais, científicos e culturais, qualitativamente diferentes dos que se apresentam no atual cenário.

REFERÊNCIAS

- Bezerra, A. C. (2019). Teoria Crítica da Informação: Proposta teórico-metodológica de integração entre os conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. In M. Misse, A. Cabral, R. Musse & C. Buarque (Eds.), *IKritika: Estudos críticos em informação* (pp.15-72). Garamond.
- Burke, J. (2022, Maio 14). Secret British 'black propaganda' campaign targeted cold war enemies. *The Guardian*.
<https://www.theguardian.com/world/2022/may/14/secret-british-black-propaganda-campaign-targeted-cold-war-enemies-information-research-department>.
- Cardoso, A. C. (2016). Fortaleza, 2016 ou O que é Teoria Crítica? *Kalagatos*, 13(27), pp.55-66.
<https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6223/5008>.
- Carro, R. (2022). Digital News Report Brazil. Reuters Institute for the Study of Journalism (University Oxford).
https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2022-06/Digital_News-Report_2022.pdf.
- Chauí, M. (2008). *O que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense.
- Dias, E. W. & Naves, M. M. L. (2007). Análise de assunto: Teoria e prática. Brasília: Thesaurus.
- European Commission. (2018). Communication from the commission to the european parliament, the council, the european economic and social committee and the committee of the regions Tackling online disinformation: a European Approach. Publications Office of the European Union.
<https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/4e3e13a9-4937-11e8-be1d-01aa75ed71a1/language-en/format-PDF/source-260261904>.
- Flick, U. (2009). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Frohmann, B. (1995, Junho 7-10). *Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory* [Apresentação de Conferência]. Twenty-third Annual Conference of the Canadian Association for Information Science, Edmonton, Alberta, Canadá.
<https://citeseerx.ist.psu.edu/pdf/e01ffa-d210936cd2280a4becb0ad4ec1bab50c6d>.
- Ghebreyesus, T. A. (2020, Fevereiro 14-16). [Speech by the WHO Director-General - Tedros Adhanom Ghebreyesus] [Discurso de apresentação]. Fifty sixth Munich Security Conference, Munique, Alemanha.
<https://www.who.int/director-general/speeches/detail/munich-security-conference>.
- Gil, A. C. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (6.ed.). São Paulo: Atlas.
- González de Gómez, M. N. (2002). Novos cenários políticos para a informação. *Ci. Inf.*, 31(1), pp.27-40.
<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/975/1013>.
- González de Gómez, M. N. (2019). Reflexões sobre a genealogia dos regimes de informação. *Informação & Sociedade: Estudos*, 29(1), pp.137-158.
<http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2019v29n1.44357>.
- Honneth, A. (1999). Teoria Crítica. In: A. Giddens & J. Turner (Eds.), *Teoria social hoje*. São Paulo: Editoria UNESP. pp. 503-552.
- Kellner, D. (2015). Introdução à 2ª edição. In: J. L. Vieira & M. L. V. Micales (Eds.). *O homem unidimensional* (pp.9-30). São Paulo: Edipro.

- Marcuse, H. (2015). *O Homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. São Paulo: Edipro.
- Lima, T. C. S., & Mito, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: A pesquisa bibliográfica. *Rev. Katálysis*, 10(esp.), pp.37-45. <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>.
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2017). *Fundamentos de Metodologia Científica* (8.ed.). Atlas.
- Massarani, L. M., Leal, T., Waltz, I. & Medeiros A. (2021). Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdos em redes sociais antes e depois da COVID-19. *Liinc em Revista*, 17(1), pp.1-23. <https://doi.org/10.18617/liinc.v17i1.5689>
- Minayo, M. C. S. (2007). *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. (10.ed.). São Paulo: Hucitec.
- Nemer, D. (2020). Desinformação no contexto da pandemia do Coronavírus (COVID-19). *AtoZ: Novas práticas em informação e conhecimento*, 9(2), pp.113-116. <http://dx.doi.org/10.5380/atoz.v9i2.77227>.
- Oliveira, R. C. A. (2020, Outubro 14-16). *Tecnocultura, experiências de consumo e o consumidor gamificado* [Apresentação de trabalho]. Anais do Quadragésimo Quarto Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Maringá, Pr, Brasil. http://arquivo.anpad.org.br/eventos.php?cod_evento=1&cod_edicao_subsecao=1726&cod_evento_edicao=106&cod_edicao_trabalho=28670.
- Pariser, E. (2012). *O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Pizzani, L., Silva, R. C., Bello, S. F., & Hayashi, M. C. P. I. (2012). A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 10(2), pp.53-66. <https://doi.org/10.20396/rdbci.v10i1.1896>.
- Schneider, M. (2019). CCI/7: Competência crítica em informação (em 7 níveis) como dispositivo de combate à pós-verdade. In M. Misse, A. Cabral, R. Musse & C. Buarque (Eds.), *IKritika: Estudos críticos em informação*. Rio de Janeiro: Garamond. pp. 73-116.
- Severino, A. J. (2017). *Metodologia do trabalho científico*. (24.ed.). São Paulo: Cortez.